NÚMERO 22 10 NOV. 2026

A PASSARADA



JORNAL AUTÓNOMO



O NOSSO PLANO QUINQUENAL: COMUNIZAÇÃO E SONHO LÚCIDO

Decidiu-se ontem, em assembleia popular, a desmontagem temporária das tendas na praça. Não vale a pena fingir que este gesto não traz consigo uma desilusão concreta. Desmontámos também, por uns tempos, um lugar que se tinha tornado certo: uma geografia de encontro, um ponto de apoio para uma luta, um espaço onde uma ideia começava a adquirir corpo, relações e consequências. É natural sentir que alguma coisa se perde quando deixamos de ter à disposição esse território material de encontro. Mas convém não confundir a perda temporária de um lugar com a perda daquilo que nele fomos capazes de construir. As tendas voltarão, eventualmente. A intempérie, a exaustão e a necessidade de preservar as condições para continuar exigem, por vezes, mais inteligência do que obstinação. Sun Tzu já tinha percebido que as oportunidades se multiplicam à medida que são agarradas.

Temos, aliás, um plano quinquenal chamado comunização e sonho lúcido. Não é uma palavra de ordem para decorar assembleias, nem uma maneira simpática de adiar o confronto com a realidade. É um programa de trabalho. Significa perceber que a cidade que queremos e, ulteriormente, o mundo não se constroem apenas nos momentos de ocupação, mas também na capacidade de prolongar as suas consequências, transportar connosco a combatividade táctica que entretanto soubemos conquistar, multiplicar os lugares de encontro, produzir relações que não dependam da autorização de ninguém e inventar formas concretas de vida comum. Significa ocupar outros espaços, continuar a conversar, marcar encontros, participar na programação que se propuser e, sobretudo, não perder de vista as afinidades que construímos e reforçámos nestas últimas semanas. A dispersão de um ponto de confluência não pode converter-se na dispersão da vontade.

Para um conjunto de pessoas saturadas de perda, a ideia de reagrupamento estratégico, de descanso, de longo curso e de horizonte pode inicialmente soar a profundo disparate. Mas há formas concretas de trabalhar esta ansiedade. A intensidade militante das últimas semanas, que levou tantas pessoas a entregar todo o tempo disponível, toda a energia e toda a esperança à presença permanente ou diária na praça, não tem de desaparecer com a desmontagem das tendas. Tem de encontrar outras formas de circulação, outros lugares onde se exercer, outras maneiras de produzir consequências. Precisamos de aprender a deslocarmo-nos, a fazer da presença uma disponibilidade que não se esgote num único lugar, a compreender que também há combatividade em saber durar. Que cada um dos nossos corpos se empreste à locomoção da luta.

Para tanto, propomos reforçar a vitalidade do nosso grupo de afinidade e afinar os modos de cuidado que podemos construir entre nós. Continuar a produzir relações que nos permitam assumir tarefas, ter ideias e pô-las em prática, sustentar compromissos e fazer convergir vontades. Não se trata de reproduzir, em pequena escala, qualquer modelo que até agora se tenha tentado. Cada dia tem trazido consigo uma página em branco no caderno de encargos, mas também a possibilidade de alargar continuamente a folha de rascunho. Resistir a uma carga policial ou participar num plenário de delegados pode ser tão exigente, eficaz e poderoso como dançar em conjunto, preparar um pitéu numa das cantinas populares que já estão em funcionamento, limpar o espaço de um centro social, participar numa brigada anti-despejo ou ir ver um filme e debatê-lo a seguir. Não há uma hierarquia prévia entre estas práticas: há diferentes maneiras de produzir capacidade colectiva, de reconhecer necessidades e de transformar a vida que temos na vida que queremos.

A questão nunca foi apenas montar tendas no Rossio ou noutro lado qualquer. Foi começar a construir uma cidade que não nos obrigue a viver como vivíamos, que não organize a existência em torno da propriedade, da mercadoria e da obediência. Isso não se desmonta com umas quantas estruturas de campismo. Portanto, que ninguém regresse à sua cama para se voltar a perder no doomscrolling ou noutra forma qualquer de colonização imposta pelo neoliberalismo existencial. Há demasiadas coisas por inventar para nos entregarmos novamente à passividade.

Qualquer coisa que hoje se escreva só pode ter o tom de uma convocação. Estamos todas convocadas ao ímpeto, ao cultivo da presença, a um posicionamento que não ceda à pressa (essa característica burguesa), mas que, sobretudo, não volte a entregar-se à pachorrice. Não precisamos de estar permanentemente em estado de emergência para reconhecer que há uma luta a continuar. Precisamos de aprender a sustentá-la.

Eis algumas ideias que não se confundem com tarefas menores: continuar a cozinhar e a comer juntas, organizar sessões de leitura e discussão, caminhadas pela cidade, oficinas, projecções, festas, visitar os projectos uns dos outros. Não como uma agenda de animação para preencher o vazio deixado pelas tendas, mas como exercícios deliberados de construção de uma existência partilhada. Criar ocasiões para estarmos juntas sem que seja sempre necessário um acontecimento político extraordinário que nos convoque; fazer com que a afinidade se torne hábito, que a confiança se torne capacidade, que a disponibilidade se traduza em responsabilidade recíproca. Afinal, comunizar começa também por retirar à vida quotidiana o seu carácter isolado e mercantil, e descobrir quantas coisas podemos fazer, pensar e sustentar quando deixamos de as tratar como empreendimentos privados.

Comunização e sonho lúcido: isto, agora, é o the real deal, aqui mesmo, nas nossas mãos.

NOTAS SOBRE O ABANDONO DO ROSSIO

Abandonámos o Rossio. Enquanto lidamos coletivamente com o luto desta perda, muitas vozes se levantam para propor as suas interpretações dos eventos. Juntamos à cacofonia desse caos, oferecendo um apanhado de algumas ideias que temos vindo a partilhar sobre a saída do Rossio. O aspeto essencial da acampada não foram as tendas nem, muito menos, a assembleia diária. O que fez das últimas semanas uma experiência transformadora foi o ter-se criado um ponto de encontro, e as aprendizagens coletivas que cresceram desse estar juntas. Na Praça D João I e no Rossio desenvolveu-se uma nova subjetividade e novos repertórios de luta. Aprendemos a defender-nos das cargas policiais, a auto-organizarmo-nos e a manter a infraestrutura necessária a essa auto-organização, criámos novas cumplicidades e fortalecemos as antigas, pusemos em questão todas as certezas e todas as estruturas.
Em tudo isto vemos os sinais da emergência de uma potência antagonista articulada e consciente de si, cuja pujança está na diversidade de identidades, táticas e metodologias. É verdade que ela levou um duro golpe com a perda do Rossio para o Mercadinho de Natal. Mas essa subjetividade não desvanecerá tão facilmente. Então, sejam quais forem as formas que as lutas assumirão nos próximos tempos, temos a responsabilidade de continuar a cultivar e fortalecer o movimento, de cuidar desta besta que criámos juntas.